

Mapas de situações comunicativas de diálogos públicos em Belo Horizonte

Milene Migliano GONZAGA¹

RESUMO: Nosso trabalho tem o intuito de produzir mapas de sentidos das situações comunicativas de diálogos públicos no centro de Belo Horizonte a partir dos registros fotográficos dos encontros em que se estabelecem situações comunicativas de diálogos públicos; buscamos tornar visíveis algumas relações de sociabilidade urbana por meio das práticas de escrita da cidade e as temporalidades sociais acessadas, articulando diferentes modos de participação dos sujeitos na dinâmica comunicacional urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência. Situação comunicativa. Culturas urbanas. Mapas.

Maps of communicative situations of the public dialogs in Belo Horizonte

ABSTRACT: Our work intends to produce meaningful maps of communicative situations of the public dialogs in Belo Horizonte downtown, by photographic registers of the encounters in which are created communicative situations of public dialogs. We had been searching to expose some urban sociality relationships in the forms of urban writing and its social times, researching the linkages among the participation plurality of subjects in urban communicational web.

KEYWORDS: Experience. Communicative situations. Urban culture. Maps.

No artigo vamos apresentar a proposição de mapas de situações comunicativas urbanas que foram formulados em nossa dissertação *Diálogos públicos de Belo Horizonte, mapas de sentidos em comunicação urbana*. A pesquisa de mestrado se estruturou a partir da experiência da pesquisa Cartografias Urbanas² no Centro de Belo Horizonte, projeto desenvolvido com a colaboração de pesquisadores de diversas áreas, produzindo mapas sobre os usos e apropriações que as pessoas realizam no cotidiano vivido da cidade. A partir dos registros das saídas a campo, ou da consulta a fontes históricas e das falas de pessoas em sites de relacionamento na internet, produzimos mapas que não pretendem esgotar a complexidade da vida urbana e sim, acionar a memória dos seus possíveis leitores. Os mapas, assim, são construídos sob a perspectiva de compor dispositivos de memória que, a partir da articulação dos fragmentos de registro, produzem sentidos e despertam outras possibilidades de compreensão acerca da realidade urbana. Este texto pretende apresentar alguns modos de

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea da Fafich -UFMG, E-mail: milenemigliano2@gmail.com

² A pesquisa Cartografias Urbanas foi desenvolvida pelo Centro de Convergência de Novas Mídias – UFMG.

operar os mapas narrativos de situações comunicativas urbanas, que denominamos diálogos públicos.

Os diálogos públicos se estabelecem por meio das práticas culturais de escrita da cidade - como as inscrições, pichações, grafites, *stickers*, estênceis, apagamentos e anúncios - que podem ser encontrados em praças, prédios, portões, postes, pontos de ônibus, esquinas do centro de Belo Horizonte. No espaço urbano, as informações são disponibilizadas na materialidade da cidade, suas ruas, equipamentos, veículos, em suma, superfícies que permitem que uma escrita se constitua e permaneça algum tempo disponível para leitura e escrita dos transeuntes. Walter Benjamin (1996) já nos esclarecia em seus apontamentos sobre as cidades, principalmente em *Rua de Mão Única*, a potência do espaço urbano como um novo lugar cognitivo, atribuindo à prática “escrita da cidade” uma ação que vivencia a cidade como suporte e conteúdo ao mesmo tempo. É importante ressaltar que a novidade da “escrita da cidade” a invoca não apenas como suporte material dos textos, mas também como forma significativa, como um lugar de imersão: o simples estar na cidade aciona nossa leitura e escrita, relações que estabelecemos, contínua e contiguamente, com o ambiente em que estamos.

Para se revelar como um texto legível, a cidade depende da apreensão de cada sujeito, pois “[...] são textos triviais, percebidos na maioria das vezes, de passagem, de modo distraído” (BOLLE, 1994, p.274) que articulados às experiências próprias conformam nossos afetos, entendimentos e conhecimentos a respeito dos espaços urbanos. Cada sujeito experimenta o espaço comum da cidade, acionando, acessando e mixando suas memórias, experiências, seu próprio corpo. Dessa maneira, a cidade é ressignificada por cada sujeito que a experimenta, produzindo e reproduzindo diversos sentidos.

Desse modo, as situações comunicativas, que estimulam a compreensão sobre assuntos compartilhados na cidade, podem ser lidas das mais diversas maneiras pelos sujeitos que experienciam o centro.

[...] a compreensão do eu passa pela compreensão dos mundos nos quais o eu se informa e se forma, ela se completa na interpretação do eu feita por um sujeito que se compreende melhor e de outra maneira. A compreensão do texto tem o caráter de uma apropriação. (LEPETIT, 2001, p.151).

A escrita da cidade se constitui no espaço urbano por meio da articulação da experiência do caminhar dos transeuntes que se apropriam dos percursos espaciais conectando-se aos textos que afetam os sujeitos a cada nova leitura. Diferentemente da forma dos anúncios publicitários ou das placas de sinalização do trânsito, a escrita da cidade dos

diálogos públicos se conforma como um uso da cidade não programado. Na busca de situações de uso e apropriação dos espaços urbanos pelas pessoas que ali convivem cotidianamente, encontramos as práticas de escrita da cidade que estabelecem a troca de informações e sentidos na urbe. As práticas de escrita da cidade constituem um lugar para o qual podemos direcionar o olhar e perceber o movimento das relações entre as experiências comunicativas dos sujeitos, quais técnicas e procedimentos são usados, quais temporalidades se articulam na situação de leitura. Ao direcionar o olhar e buscar compreender como as pessoas participam da dinâmica comunicativa urbana, estabelecendo relações com a realidade social, contexto cultural e com as outras pessoas que por ali circulam, traçamos um mapa da participação dos sujeitos a partir da escrita da cidade. Seguindo a perspectiva do historiador Lepetit, na constituição do pensamento da pesquisa Cartografias Urbanas, o ambiente urbano

[...] tem a potencialidade de reunir dimensões, tanto materiais quanto imateriais, de ontem e de hoje, que concordam e discordam entre si. Ao mesmo tempo em que o lugar urbano está no presente por completo ele também é composto por muitos tempos, ou seja, se apropria dos tempos/espaços antigos segundo novas normas. Mas o sentido social associado a ele nunca é levado a cabo de forma idêntica e se refere sempre a uma prática presente. Isso significa que não se pode estudar a cidade como algo inerte, coisificado para sempre pela ciência. (SILVA et al., 2008, p.7).

Na relação entre as situações comunicativas percebemos que as práticas de escrita relacionam tempos e espaços sociais simbólicos, que guardam relações com outros momentos da vida das pessoas, como quando, por exemplo, os pais das crianças desaparecidas nos contam, pelos cartazes pregados nas ruas, a roupa que os meninos vestiam, e assim acessam uma temporalidade na qual o filho ainda estava sob sua guarda. Nesse sentido, retomaremos a abordagem das relações entre a temporalidade social e as práticas culturais urbanas, apresentada por Lepetit (2001) a partir do pensamento do historiador alemão Koselleck (2006) para nos auxiliar a compreensão da dinâmica em questão. A realização das experiências em um tempo passado constitui um campo de experiência das práticas culturais, que é atualizado no tempo presente quando se realizam novas práticas culturais. Desse modo, o passado seria um tempo repleto de possibilidades que podem tomar forma nas práticas realizadas no presente instantâneo, buscando atingir um horizonte de expectativa no tempo futuro em alguma medida já programado.

Ao estudar estes homens concretos, os sentidos de temporalidade se estabelecem de outra maneira: o presente contém e constrói a experiência passada e as expectativas futuras. Segundo o autor, a experiência é um passado presente cujos acontecimentos são incorporados e podem ser lembrados. As experiências são moldadas por um horizonte de expectativas que se refere a uma temporalidade futura. A expectativa é futuro feito

presente, ainda não experimentado mas que pode ser descoberto. A ação humana se produz neste lugar de interseção no presente onde o passado é espaço de experiência e o futuro horizonte de expectativas, este é o lugar vivo da cultura. (SILVA et al., 2008, p.8).

Sob esta perspectiva, entendemos que os campos de experiência são articulados pelos sujeitos em suas práticas de escrita da cidade, conformando as situações comunicativas. Para Michel de Certeau (1994), ao caminhar na cidade os sujeitos a compõem pela sua escrita, pela sua leitura, articulando sentidos a cada passo, relacionando o momento presentificado às experiências anteriores, afetando e sendo afetados pelo espaço urbano e os encontros que são proporcionados no cotidiano vivido. O autor versa sobre como os passos do caminhante na cidade vão conformando uma enunciação pedestre, que ressignifica cada metro percorrido, constituindo uma escritura a partir das apropriações que cada um realiza. Cada passo é, em seu entendimento, “[...] algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apropriação cinésica.” (CERTEAU, 1994, p.176), isto é, uma relação na qual os sentidos são produzidos no tornar próprio o caminho urbano.

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma triplíce função ‘enunciativa’: é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, ‘contratos’ pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é ‘alocução’, ‘coloca o outro em face’ do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores). O ato de caminhar parece portanto encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação. (CERTEAU, 1994, p.177).

O caminhar pela cidade pode então se constituir como um processo comunicativo, pois é enunciação, que implica troca de significados com os outros que convivem e percorrem o mesmo espaço. Os diálogos públicos que se articulam na cidade estabelecem relações, tanto de plasticidade quanto de conteúdo entre si, com os imaginários dos sujeitos que caminham nas ruas e com a materialidade da cidade. Tais relações complexas e articuladas propiciam e realizam o desenvolvimento de diversos processos culturais e sociais no espaço urbano.

A abordagem para os fenômenos sociais e culturais em Michel de Certeau se dispõe a analisar as relações sociais, partindo de um entendimento de cultura como as práticas vivenciadas no cotidiano. Uma mudança na receita do bolo, um arranjo para manter uma planta em pé, ou a utilização de um grampo de cabelo como um clipe de papel se configuram como práticas culturais tanto quanto a execução de uma ópera ou a utilização de uniformes na escola. Para Certeau (1994), as práticas e operações desviantes são abordadas como táticas

que, ao se apropriar das estratégias utilizadas pela ordem social onde se conformam, são capazes de reconfigurar e inventar outras formas de se relacionar.

Dessa maneira, as práticas que os sujeitos da cidade realizam de modo a propor uma interlocução com o outro, que compartilha e vivencia o mesmo espaço, configuram-se como um fenômeno comunicativo apropriado. Lancemos mão da perspectiva frente aos procedimentos “multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos” (CERTEAU, 1994, p.175) associando o conhecimento destas práticas culturais à produção e trocas de saberes da vida cotidiana, articulando conhecimentos de ordem tática, que se apropriam das estratégias a fim de chegar aos seus objetivos. Esses modos operacionais se estabelecem sem um espaço programado, instituindo-se a partir de suas necessidades e recursos disponíveis para chegar a uma solução viável e que dê conta de estabelecer comunicação.

Considerando as práticas culturais como táticas ou estratégias, classificando-as por conta dos tipos de operações que se utilizam para se concretizar, temos, para além das táticas dos sujeitos, e mesmo antes delas, a cidade planejada por estratégias urbanísticas. Seguindo a perspectiva de Henry Lefebvre, o racionalismo operacional que estimula o pensamento urbanístico não segue um único caminho, mas sim diversas tendências referenciáveis, que hora se contradizem a uma racionalidade técnica, hora se ocupam de realizá-las em seus projetos.

Lefebvre (2001) distingue então, três tendências nas quais podemos mapear o pensamento urbanístico, e, portanto estratégico: 1. “o urbanismo dos homens de boa vontade”, que, como médicos que pretendem sanar a situação caótica em que as cidades se encontram, ligam-se a um humanismo que pretende salvar o mundo inteiro com medidas que não dão conta mais da realidade social, projetando aldeias, comunidades e edifícios cívicos que diferem das necessidades atuais. 2. “o urbanismo dos administradores ligados ao setor público”, que se pretende científico, capaz de dar conta dos problemas com um cientificismo que tende a negligenciar o fator humano e dinâmico das cidades: este pensamento não tarda a projetar modelos que arrasam o espaço urbano em prol de eixos viários, cabos de fibra ótica e grandes obras que apagam “da existência social as próprias ruínas do que foi a Cidade” (LEFEBVRE, 2001, p.24). 3. “o urbanismo dos promotores de vendas”, que tem como finalidade única o mercado e os lucros; murar quarteirões inteiros e esperar durante anos a valorização da área para vender os terrenos é a melhor forma de conseguir lucros exorbitantes; por que se preocupar com as famílias que habitam o mesmo bairro, que ficaram sem um comércio de sobrevivência básica, sem espaços de lazer e com a segurança fragilizada.

Lefebvre (2001) explicita que a estratégia global que rege o pensamento urbanístico das cidades se estrutura a partir destas diversas tendências, não concluindo nenhum de seus objetivos, ao mesmo tempo em que transforma a cidade em palco de vários projetos. Como não há uma estratégia única reinante, a cidade tem em sua própria estrutura uma complexidade anunciada, mas também o menor risco de que qualquer uma das estratégias se estabeleça por completo.

As práticas comunicativas que encontramos pela cidade se aproveitam das estratégias que tentam coordenar o espaço urbano, mas também se apropriam de outras estratégias contemporâneas para alcançar seus objetivos de visibilidade e contato. Buscam referências nas estratégias dos programas de televisão, das salas de aula, de blogs da internet, das campanhas da prefeitura, de fóruns de discussão e mesmo do convívio familiar. Os diálogos públicos produzem sentidos usando o que está disponível no espaço urbano para se comunicar, prolongando a duração do que poderia ser uma simples conversa ou exibição de um discurso em praça pública.

Tal perspectiva nos permite problematizar alguns fatores emergentes da complexidade e a diversidade das cidades relacionada aos estudos de comunicação urbana. Retomando a perspectiva de Certeau (1994), os sujeitos nas cidades articulam suas experiências na vida cotidiana nos espaços urbanos, produzindo sentidos em cada um de seus passos. Se entendermos que todos os sujeitos que compartilham a mesma cidade produzem sentidos baseados em sua experiência única, podemos começar a esboçar um modo de olhar para uma problemática advinda da complexidade de imaginários que compõem os ambientes urbanos.

Certamente, tamanha diversidade de experiências e imaginários gera conflitos e negociações constantes, já que a “agregação de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo” (SIMMEL, 1973, p.15) não se configura como uma tarefa fácil de realizar, desde o século XIX.

Ao compor a prática da escrita da cidade, quando materializam seus nomes, suas idéias e posicionamentos, as pessoas participam da construção do lugar, produzindo percursos simbólicos diferentes dos visibilizados pelo governo da cidade ou pelas propagandas, que acionam o tempo da ordenação, o tempo do mercado, o tempo do consumo, mas não tempos que possibilitam a participação criativa de escrita na cidade. Acreditamos que é no olhar para as experiências e práticas dos homens ordinários, para as relações cotidianas estabelecidas nas ruas do espaço público, que podemos problematizar e construir caminhos para entendimento da ordem social em dimensões mais abrangentes.

Redes de sentidos de situações comunicativas urbanas

As situações comunicativas são uma categoria de análise desenvolvida na pesquisa Cartografias Urbanas, a partir das três interpretações do termo situação formulado pelos integrantes da Internacional Situacionista³. A interpretação psicológica relaciona a construção de situações à satisfação do desejo do ser, “[...] ao invés de sublimar-se na arte, o desejo deve realizar a formulação de um projeto que seja possível a sua realização” (PERNIOLA, 2008, p.29)⁴. A vertente técnico-urbanística propunha que a realização de situações estava articulada com “[...] os métodos e perspectivas do urbanismo unitário e no fundo representa somente a consequência de um condicionamento ambiental” (PERNIOLA, 2008, p.30)⁵, isto é, as situações seriam uma maneira de estabelecer uma relação entre as experiências dos sujeitos e o seu comportamento no ambiente urbano. Para a interpretação existencial, as situações implicam “[...] a aquisição de uma consciência de existência nas sociedades industrializadas e das alternativas radicais.” (PERNIOLA, 2008, p.30)⁶.

Neste sentido, entendemos as situações comunicativas conformadas por meio das interações que se estabelecem pelos gestos comunicativos de escrita da cidade, relacionando-se intrinsecamente com os contextos sociais nos quais tomam forma. Realizamos o mapeamento destas interações comunicativas por meio de registros fotográficos de detalhe e acompanhamento das transformações nos espaços públicos urbanos de uso comum.

Nos mapas de situações comunicativas que produzimos na pesquisa, identificamos que na Praça Sete, predominam os diálogos públicos que buscam compartilhar as experiências de vida como informações importantes de estarem em praça pública. Na Praça da Estação, os diálogos públicos instauram potências comunicativas que questionam as prestações de contas de obras públicas, as eleições e as performances dos políticos, além das relações de legitimidade na ocupação do espaço urbano. Na Rua da Bahia prevalecem os diálogos que buscam experimentações artísticas usando as potências das novas tecnologias na constituição de sua escrita na cidade, o uso da internet para pesquisa de imagens e compartilhamento de

³ A Internacional Situacionista surgiu como movimento artístico-político europeu em 1957 e se estabeleceu a partir de matrizes diferentes, segundo Perniola (2008), que são: a busca pelo experimental, que tendia a realizações cada vez mais afastadas da arte tradicional; a indagação psicogeográfica que ia contra o funcionalismo arquitetônico no entendimento das relações entre o espaço urbano e o comportamento dos indivíduos; e a crítica aos procedimentos ecléticos e oportunistas que imperavam nos ambientes artísticos, em nome de uma frente revolucionária cultural.

⁴ “en vez de sublimarse en el arte, el deseo debe tender a la formulación de un proyecto que haga posible su realización” (PERNIOLA, 2008, p.29, tradução nossa).

⁵ “los métodos y perspectivas del urbanismo unitário y en el fondo representa tan sólo la consecuencia de un condicionamento ambiental” (PERNIOLA, 2008, p.30, tradução nossa).

⁶ “la adquisición de una conciencia de las condiciones de existencia en las sociedades industrializadas y de las alternativas radicales” (PERNIOLA, 2008, p.30, tradução nossa).

experiências culturais. Mas, para além dos diálogos que se relacionam em um mesmo território físico, quais são as experiências comunicativas acessadas na produção das situações comunicativas de diálogos públicos?

A primeira conexão que iremos apontar acontece entre os diálogos públicos que se estabelecem nas discussões acerca das condições de mobilidade e transporte urbano. O registro fotográfico *Praça Sete 2*, que mostra uma pichação que reivindica “Meio Passe” está em conexão com a imagem *Praça da Estação 26*, exibida logo abaixo. O diálogo compõem as solicitações que os estudantes de Belo Horizonte realizam à empresa de transporte público Bhtrans já há algum tempo. O *sticker* produzido a mão, traz um desenho de um ônibus pegando fogo, fazendo uma referência aos ataques realizados na periferia da França⁷, em 2005, ou mesmo aos ataques do PCC⁸, em 2007. A situação dos estudantes de Belo Horizonte quanto ao transporte público urbano é complexa, pois, diferentemente da maioria das capitais brasileiras, e mesmo algumas cidades do interior, não há nenhum auxílio-transporte na cidade. Não há passe livre ou meio-passe para facilitar que os estudantes cheguem de suas casas a seus locais de estudo. Ao mesmo tempo, outras mensagens em *stickers* também colocam em pauta o transporte na cidade, como os *stickers* que clamam “Ande a pé” e “transporte orgânico”, registrados na imagem *portão da Rua da Bahia 3*. Porém, tomam parte no debate apresentando e questionando outras formas de mobilidade urbana, como a prática do caminhar e o uso de bicicletas, atualizando tempos em que o consumo de energia era bem menor no globo.

⁷ Os ataques que ocorreram nos bairros periféricos de Paris reivindicavam o combate a discriminação dos jovens negros, descendentes ou provenientes dos países que foram colônias da França.

⁸ PCC é a sigla da organização criminosa Primeiro Comando da Capital, de São Paulo, que ocasionou uma série de ataques em São Paulo em 2006.

Imagem *Rua da Bahia 19*, em 03/01/09. O *sticker* que traz a mensagem “Transporte Orgânico”, com uma bicicleta desenhada no centro; está acompanhado de mais dois papéis colados, o da menina coração e o que traz a mensagem “adeus Bia, estou indo embora...”.



Imagem *Praça da Estação 26*, em 11/03/08 em que o *sticker* que reivindica “meio passe já!” tem um desenho de um ônibus pegando fogo, como referência aos ataques na França ou do PCC, com assinatura da AMES-BH (Associação Mineira de Estudantes Secundaristas de BH) e da UJR (União da Juventude Revolucionária). Ao seu lado, está colado um *sticker* que contém uma mandala desenhada.



Imagem *Rua da Bahia 20*, em 02/02/09. No estêncil registrado um homem aponta uma bomba de gasolina para a sua própria cabeça, como um suicida.



Imagem *Rua da Bahia 21*, em 02/02/09. No estêncil em destaque, um ciclista faz o sinal de paz e amor, que compõe o sentido da mensagem inscrita, “respeite o ciclista”.



Os dois estênceis aplicados nas imagens *Rua da Bahia 20 e 21* retomam novamente a discussão sobre a mobilidade e transporte na cidade. O desenho do homem com a bomba de gasolina na cabeça pode ser interpretado como uma mensagem que se refere ao esgotamento dos recursos naturais, e conseqüente extinção do ser humano, a partir da exploração de petróleo, a extração que garante o uso que fazemos dos veículos automotivos na cidade. O segundo estêncil produz uma mensagem muito semelhante à sinalização de trânsito: “respeite o ciclista” é o texto que acompanha a imagem de um homem sobre uma bicicleta fazendo um sinal de “paz e amor” com os dedos para quem lê a mensagem. O sinal realizado pelo desenho é uma diferença em relação às placas de trânsito que trazem esta mensagem, e busca estabelecer uma relação que nos remete aos anos 60 e à cultura hippie⁹.

A atuação policial também é um dos assuntos que perpassam as situações comunicativas conectando diálogos públicos entre três lugares mapeados, sendo um tema abordado de diversas formas. Nas notificações¹⁰ da Praça Sete de Setembro, a eficácia da polícia mineira é ressaltada várias vezes a partir das notícias que falam da prisão de traficantes e ladrões. A violência que é noticiada no jornal é vista como algo positivo na ação policial sobre os bandidos, de acordo com o comentário da notificação, na imagem *Praça Sete 15*, logo abaixo.

Mas, nem todos que frequentam o centro de Belo Horizonte têm a mesma opinião em relação à performance das polícias mineiras. A imagem *Praça da Estação 27* realiza uma crítica ao questionar a situação do uso da tropa de choque, ou mesmo da polícia, em manifestações pela cidade. O *sticker* registrado traz um desenho de um policial armado e protegido com o uso da frase “Choque de gestão”. A frase tem um duplo sentido associado, já que é o slogan da política de redução de gastos do governo do estado, uma das principais propagandas políticas veiculadas durante o governo estadual de Aécio Neves, e foi apropriada para uma crítica relacionada a outra situação: a da atuação da tropa de choque. A associação do desenho e da frase direciona uma leitura que critica, para além da política, cortes e remanejamentos dos recursos públicos, também a política de ação policial instituída pelo governo estadual. O modo como os policiais vêm tratando as pessoas pelas ruas, buscando afastar do centro as pessoas que ali vivem, tem sido muito violento no Centro da cidade. O registro do diálogo proposto por um *sticker* da Rua da Bahia retoma novamente a discussão

⁹ Relacionada ao movimento de contracultura dos anos 60, em que a frase mais expressiva era *Peace and love*, em português, paz e amor.

¹⁰ Prática de escrita da cidade produzida por um aposentado, a partir de recortes de jornal, colagem e comentários escritos a mão, compondo uma reedição dos jornais na Praça Sete de Setembro.

sobre a ação da polícia, mas desta vez faz um apelo para que a atuação policial seja menos violenta. No *sticker* temos a frase “contra a desnecessária violência policial” associada a um desenho que se assemelha a uma placa de trânsito. No desenho podemos ver um círculo no qual temos um policial com um cassete, e um braço que segura o braço do policial, podendo funcionar como uma faixa de proibição da ação.

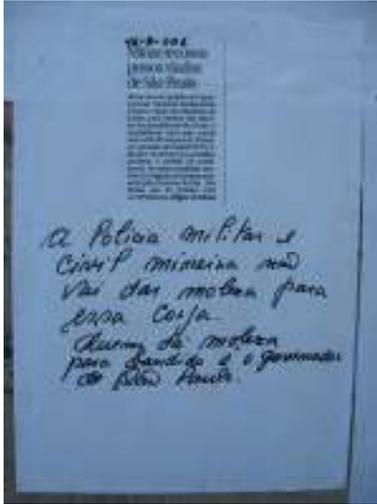


Imagem *Praça Sete 15*, em 18/08/06. A nota colada tem como título “Minas recusa presos vindos de São Paulo”, e o comentário que se segue é “A polícia militar e civil mineira não vai dar moleza para essa corja. Quem dá moleza para bandido é o governador de São Paulo”.



Imagem *Praça da Estação 27*, em 11/03/2008. Registro de papel colado que tem inscrito abaixo da imagem de um integrante da tropa de choque, “Choque de Gestão”.



Imagem *Rua da Bahia 22*, em 17/10/07. No *sticker* colado no portão da Rua da Bahia. No *sticker* o texto “contra a desnecessária violência policial”.

A referência à violência policial desnecessária que tem afetado algumas pessoas nas ruas do centro também é problematizada em outros *stickers* pela cidade, como por exemplo, o registrado na imagem *Rua da Bahia 23*, o qual traz o desenho de um soldado armado com a frase “patriota e ignorante”, fazendo uma anotação clara do pensamento do autor sobre as situações de guerra. Já o *sticker* da *imagem 28*, que realiza uma apropriação de uma reprodução de um trabalho de Banksy¹¹, artista urbano londrino, também compõe este mapa de situações comunicativas. No *sticker* original, a frase escrita abaixo dos *smiles* (em inglês, sorrisos) armados e com capacetes ao lado do tanque de guerra é “Have a nice day¹²”. Na releitura belo-horizontina, fotografada na *Praça da Estação*, mas também encontrada no

¹¹ Cf. www.banksy.co.uk

¹² Tradução: “tenha um bom dia”.

portão da Rua da Bahia, a tradução da frase realizada foi “Guerra por paz”, possivelmente fazendo uma alusão à necessidade de diminuição da violência urbana em terras tropicais.

Imagem *Rua da Bahia 23* em 19/03/09. Registro de *sticker* colado sobre a placa do nome da Avenida Afonso Pena, em frente ao portão da Rua da Bahia. O desenho do soldado é acompanhado pela frase “Patriota e Ignorante”, sendo que a palavra ignorante foi rasgada do papel.



Imagem *Praça da Estação 28*, em 01/02/2008. Registro de *sticker* colado no túnel da Praça da Estação com a frase “Guerra por paz”.



Uma das últimas intervenções do planejamento urbano que foram implementadas no centro de Belo Horizonte foram as câmeras de vigilância instituídas no projeto Centro Vivo. Estas câmeras de vídeo, que são monitoradas 24h por dia, são apresentadas como o motivo da redução da criminalidade no Centro da cidade. Mas nem todas as pessoas que estão no centro da cidade concordam com a implementação das câmeras de segurança pelas ruas e esquinas. Algumas pessoas manifestam tal insatisfação em mensagens coladas na Praça da Estação, como no registro *Praça da Estação 29*, questionando a situação como mais uma forma de instituir o medo e conseqüentemente a violência na sociedade urbana contemporânea.

Já o notificador estabelece uma relação diferente com as câmeras de vídeo, quando reclama que as pessoas estão arrancando as notificações e constrói ameaças em que diz que as câmeras de monitoramento podem estar registrando as pessoas que retiram os papéis colados nas ruas da cidade. Assim sendo, cada sujeito se apropria de uma forma dos elementos disponíveis na urbe, e a partir de suas experiências entende que as câmeras de segurança são uma ameaça à liberdade, ou que são uma garantia de sua seguridade; cada pessoa tem um

posicionamento sobre como a cidade é estruturada e está disponível para o uso dos cidadãos. Nos diálogos públicos desvelados, ao buscarmos perceber a diversidade de opiniões em circulação, colocamo-nos atentos para os choques interculturais que podem ser gerados no espaço compartilhado. Pretendemos assim buscar conhecer a realidade social e cultural do centro de Belo Horizonte a partir dos encontros, confrontos, convergências e discordâncias, que se visibilizam nas relações comunicativas emergentes das situações de diálogos públicos mapeados.

Imagem *Praça da Estação 29*, em 11/03/2008. Sticker um desenho de uma câmera de segurança e o texto que se segue: “As instituições usam o medo para aumentar o controle sobre nossas vidas. Em nome da ‘segurança’ abrimos mão da privacidade, aceitamos uma polícia mais violenta, e nunca percebemos que o que une os indivíduos em sociedade é o mesmo que os separa: a luta por empregos, dinheiro, prestígio, poder e privilégios. Assim, enquanto esperarmos que objetos nos tragam a felicidade, a desigualdade material manterá um constante estado de violência.”



Imagem *Praça Sete 18*, em 11/02/07. A notificação, escrita a caneta sem ter sido xerocada ainda, diz: “Minha gente, tem um indivíduo aí que não quer colaborar com o combate ao crime. Todas as notificações que são coladas ele está arrancando. Eu tenho a impressão que ele é bandido ou conivente com a corja de salaftrários. A polícia deveria ficar de olho nele. Eu não acredito que ele seja funcionário da limpeza pública.”

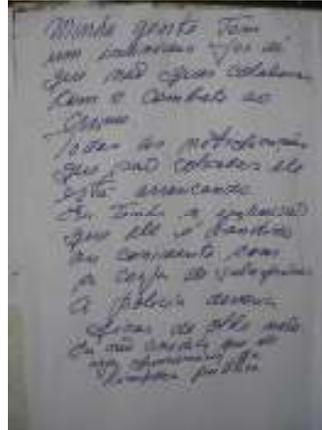
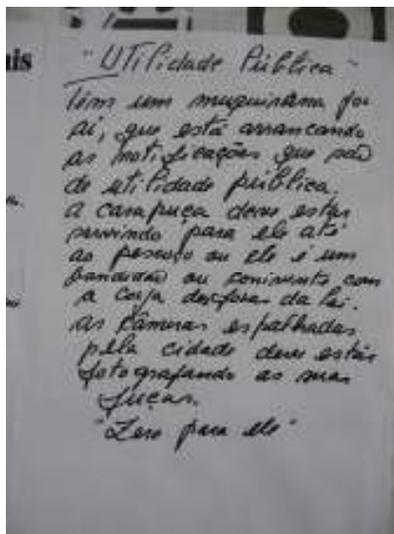
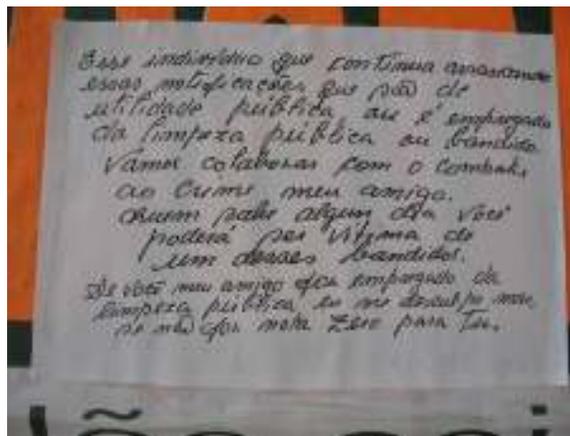


Imagem *Praça Sete 17*, em 30/08/06. O texto da notificação é “‘Utilidade Pública’. Têm um muquirana por aí, que está arrancando as notificações que são de utilidade pública. A carapuça deve estar servindo para ele até ao pescoço ou ele é um bandido ou conivente com a corja de foras da lei. As câmeras espalhadas pela cidade deve estar fotografando suas fuças. ‘Zero pra ele.’”



As duas notificações dos registros *Praça Sete 17* e *18* solicitam que as pessoas que arrancam as notificações parem de fazê-lo. No primeiro registro, o autor faz referência às câmeras de vídeo do Olho Vivo, sugerindo que os policiais deveriam ficar de olho em quem retira os papéis, pois deve ser alguém que se identifica com as acusações que ele faz nas outras notificações. Na segunda notificação, que reclama contra os que as retiram dos muros, o autor diz que o indivíduo que está arrancando os textos não está contribuindo para o combate ao crime. Para além de notificar as pessoas sobre assuntos de utilidade pública, ele se coloca de alguma forma como um combatente do crime, já que enumera, legenda e informa os seus leitores sobre os crimes noticiados e praticados em Belo Horizonte e em Minas Gerais. Ele ainda coloca um adendo no texto, ao final, dizendo que não acredita que são os funcionários da limpeza pública urbana que estão arrancando as notificações para limpar as paredes. Esta última frase provavelmente foi uma resposta a alguém que lhe disse que eram os funcionários da limpeza pública que estavam arrancando os papéis colados nos muros.

Imagem *Praça da Estação 31*, em 08/06/07. A notificação diz “Esse indivíduo que continua arrancando essas notificações que são de utilidade pública, ou é empregado da limpeza pública ou bandido. Vamos colaborar com o combate ao crime, meu amigo. Quem sabe algum dia você poderá ser vítima de um desses bandidos. Se você meu amigo for empregado da limpeza pública eu me desculpo mas, se não for nota zero para tu.”



Nesta nova notificação, registrada na imagem *Praça da Estação 31*, o autor dirige sua fala para quatro sujeitos diferentes no texto. Primeiro faz uma fala para o seu leitor comum, dizendo que quem arranca os papéis ou é um funcionário da limpeza ou um bandido. Depois, dirige a palavra para quem está arrancando as notificações, dizendo novamente que seus textos contribuem para combater o crime e que talvez quem esteja arrancando possa ser vítima destes bandidos que ele denuncia. Depois ainda pede desculpas ao funcionário da limpeza, se fosse ele quem estivesse retirando os papéis. E por último dá uma nota zero para “tu”, direcionando o texto para quem lê e que pode estar arrancando as notificações sem um motivo aparente.

Outro assunto que é colocado em pauta nos três lugares de diálogos públicos são as eleições que mobilizam a cidade de dois em dois anos, considerando as eleições municipais, estaduais e federais. O tema é acionado, seja pela apropriação dos materiais gráficos de propaganda de candidatos, seja por diálogos que manifestam preferências eleitorais ou mesmo descontentamento com o processo eleitoral. É o caso dos adesivos colados na escadaria da Praça da Estação, que foram produzidos a partir das sobras de gráficos, usando caneta hidrocor na escrita das mensagens. Na imagem *Praça da Estação 33* podemos ver uma montagem que foi feita a partir do adesivo da campanha eleitoral de Aécio Neves, modificando o nome do então candidato para a palavra néscio. Segundo o adesivo, a palavra néscio significa inepto, incapaz, assim como encontramos no dicionário Aurélio, desqualificando o hoje governador pela segunda vez de Minas Gerais. A montagem também desqualifica o candidato a vice-governador, modificando o nome de Anastasia para anestesia, dando a entender uma certa inoperância frente a situações e decisões importantes. O número do candidato também foi alterado para o número 666, de acordo com a tradição judaico-cristã conhecido como número da besta, associando os candidatos a mais esta referência negativa, além das menções feitas à suas incapacidades. Tal diálogo proposto a partir da propaganda eleitoral pode ser considerado como um uso tático, diferenciado do adesivo. Os interventores se apropriaram da propaganda político eleitoral e subverteram a sua mensagem, produzindo uma antipropaganda para o referido candidato.



Imagem *Praça da Estação 33*, em 02/10/2006 – registrado no tapume das escadarias, o texto: “Sou nêscio, vote 666, vice Professor Antonio Anestesia. Nêscio: adj. lat (nescius). Ignorante, ignoro, estúpido. Sm: Pessoa inepta.” No adesivo ainda podemos ver um código no canto direito, mas que não conseguimos ainda decifrar.



Imagem *Praça da Estação 34*, em 02/10/2006 – Registro de diálogo no qual podemos ler: “não vote. Vote 666, demo, satã.” No canteiro central das obras da linha verde.

A alteração do número dos candidatos para o número da besta, 666, é algo que aparece com frequência nas situações comunicativas escritas no centro de Belo Horizonte. Inscrições sobre adesivos dos eleitoráveis, impedindo a leitura do número dos mesmos e menções à não participação do processo de escolha dos próximos governantes, seja anulando o voto, seja não indo às urnas, são inscrições que se tornam comuns nos períodos eleitorais. A inscrição realizada no canteiro central da Avenida dos Andradas, na imagem *Praça da Estação 34*, retrata uma das muitas manifestações contrárias ao voto nas eleições de 2006. Na imagem, o diálogo na obra da Linha Verde na Praça da Estação, inscrito no canteiro central da Avenida dos Andradas, o texto escrito em vermelho “não vote!!! vote 666, demo, satã” está acompanhado por um desenho de uma estrela estilizada com dois chifres. O desenho nos lembra a figura cristã do diabo, fazendo mais uma referência negativa associada às eleições e ao número 666.

Apontamentos finais

Ao caminhar na cidade produzindo uma enunciação pedestre, os sujeitos passam a conectar as situações comunicativas instaurando dimensões criativas da escrita da cidade e participativas da dinâmica urbana. As situações comunicativas, como as que compõem os diálogos públicos, instauram dimensões participativas, articulando em suas práticas culturais

temporalidades diversas, ampliando a potência da leitura, e da escrita, dos sujeitos no espaço urbano. Quando o notificador escreve solicitando que os papéis continuem colados, está participando da construção do ambiente da Praça Sete, reivindicando a continuidade do seu lugar de fala para com as outras pessoas que habitam o centro.

A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na Cidade. (LEFEBVRE, 2001, p.15).

Nestes encontros proporcionados pelas trocas comunicativas, os campos de experiência culturais diferentes se cruzam e se chocam, ampliando as possibilidades de leitura, e escrita, para cada sujeito que lê e escreve na cidade. As dimensões temporais que podem ser acessadas potencializam a criação de variados sentidos, que são mais ou menos destacados pela continuidade das escrituras, privilegiando esta ou aquela significação social. Assim, conformam diversas redes de sentidos que podem ser destacadas por um percurso simbólico ou outro, pela leitura de cada sujeito individual e coletivo na cidade.

Nas situações comunicativas experimentadas no cotidiano, os sujeitos leem e acionam sua memória criando sentidos diversos que conformam percursos simbólicos diferentes, realizando conexões que produzem redes de comunicação a partir das leituras e temporalidades acessadas. Podemos abordar as situações comunicativas de diálogos públicos constituídas na escrita da cidade, como parte integrante de debates globais e locais, que, ao estabelecer movimentos de discussão, buscam contato dos outros sujeitos que estão em convivência cotidiana, articulando diversas temporalidades sociais.

Existem diversas outras interações comunicativas que estão a todo momento sendo publicadas em outros lugares do centro de Belo Horizonte, na cidade como um todo, em várias outras cidades do país e do mundo. Situações comunicativas que produzem relações de sentidos que se articulam com o contexto dos territórios físicos nos quais estão produzindo modos de participação cidadã, modos de conexão e percursos simbólicos, que movimentam imaginários urbanos no mundo.

Referências

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras escolhidas, v.1).

BOLLE, W. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Ed. da USP, 1994

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

JACQUES, P. B. (Org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KOSELLECK, R. E. **Futuro-passado, contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Puc/Rio, 2006.

LEFEVBRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEPETIT, B. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

PERNIOLA, M. **Los situacionistas**: historia crítica de la última vanguardia del siglo XX. Madrid: Acuarela Libros e A. Machado Libros, 2008.

SILVA, R. H. A. et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. **E-Compós**, Brasília, v.11, p.1-17, 2008.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.p.13-28.